

Capítulo 8

A Libertação do Espírito

- ◆ Purificação do ser mental e do prana psíquico prepara o terreno para a libertação do ser espiritual - mas são uma libertação instrumental:
 - purificação do desejo: liberdade do prana psíquico
 - purificação das emoções erradas e reações problemáticas: liberdade do coração
 - purificação do pensamento da mente sensorial: liberdade da inteligência
 - purificação da mera intelectualidade: liberdade da gnose

- ◆ Dois lados da libertação: movimento
 - negativo: libertação dos nós-mestres da natureza inferior (desejo e ego)
 - positivo: abertura ou crescimento para existência espiritual mais alta

- ◆ Os quatro nós mestres da natureza:
 - desejo - ego - as dualidades - os três gunas da Natureza
 - sentido positivo: ser universal em alma - uno em espírito com o Divino

- ◆ Purificação do desejo psíquico - uma ânsia do prana
 - o desejo tem um duplo nó:
 - um nó inferior no prana: ânsia nos instrumentos
 - um nó sutil na alma, com a buddhi como seu suporte
 - desejo: uma ânsia da força vital - essencial no homem ordinário
 - nas emoções: uma ânsia do coração
 - na inteligência: uma ânsia de preferência, paixão de estética, ética, ...
 - o que suporta este desejo instrumental é uma vontade do Espírito, pela qual impõe a seus membros mais exteriores toda sua ação e retira delas um ativo deleite de seu ser.
 - no momento em que a alma individual se afasta da verdade universal e se inclina em direção ao ego - tenta fazer dessa vontade uma coisa sua, uma energia pessoal separada, aquela vontade muda seu caráter: torna-se um esforço, um pressionar
 - é isso que se transforma em cada instrumento em um querer, ansiar, uma vontade de desejo intelectual, emocional, dinâmica, sensorial ou vital
 - mesmo quando os instrumentos em si são purificados de suas próprias espécies de desejo, esse tapas imperfeito pode permanecer, e irá reascender os desejos prânicos.
 - essa semente espiritual do desejo deve ser expelida, renunciada, lançada fora
 - o modo passivo: ser interiormente imóvel, sem esforço, desejo, expectativa ou qualquer direcionar-se para a ação
 - o modo ativo: ser assim imóvel ou impessoal na mente, mas permitir à suprema Vontade em sua pureza espiritual, agir através de seus instrumentos purificados

- ◆ A ação do ego, a ação separativa do ser, é a pedra angular de todo o embaraçado labor da ignorância e cativo. Enquanto não se é livre do sentido de ego não pode haver nenhuma liberdade real.
 - o assento do ego está na buddhi: é uma ignorância da mente e razão discriminadoras que discrimina incorretamente e toma a individualização de mente, vida e corpo por uma verdade de existência separativa - e são desviadas da verdade reconciliadora maior da unidade de toda a existência
 - o remédio não todo efetivo: estabelecer-se na idéia de unidade, do si uno, do espírito uno, o ser uno da Natureza
 - lançar fora a idéia de ego não é inteiramente possível até que os instrumentos (mente sensorial, prana e corpo) tenham passado por purificação, pois sua ação sendo persistentemente separativa e egoística, a buddhi é levada por eles
 - purificação: de desejo egoístico, querer, vontade, paixão egoística, emoção egoística, e a própria buddhi de idéia e preferência egoísticas

- o ego toma toda a sorte de formas sutis, e quando imaginamos estar livres disso, estamos realmente agindo como seu instrumento
 - lançar fora o sentido ativo de ego não é suficiente: o sentido de ego deve ser substituído por uma unidade com o divino Transcendental e com o ser universal
- ◆ A buddhi é somente o suporte principal do sentido de ego, mas sua fonte é uma degradação de uma verdade de nosso ser espiritual:
 - a verdade do ser é que há uma existência, um si supremo ou espírito transcendente, um eterno, um supra-Divino, um grande Espírito universal - e o indivíduo é um poder cons-ciente de ser do Eterno, capaz eternamente de relações com ele, mas uno também com ele
 - esta verdade a inteligência pode apreender, mas só pode ser realizada, vivida e tornada efetiva no espírito
 - o sentido espiritual da libertação do ego é a unidade com o Divino atemporal e com todos os outros seres
 - no momento em que a alma se inclina em direção à limitação mental, ocorre um certo sentido de separatividade espiritual, que pode cair no sentido de ego
 - ◆ O modo de libertação do ego proposto pelo yoga integral é um elevar-se e um entregar-se de todo o ser ao Divino - tornarmo-nos unos em espírito e consciência e vida e substância com o Divino, e ao mesmo tempo vivermos e nos tornarmos e termos um variado deleite daquela existência
 - esta libertação integral do ego em espírito e natureza divinos pode apenas ser relativamente completada em nosso nível presente, mas começa a tornar-se absoluta na medida em que nos abrimos e escalamos essa gnose
 - a libertação do ego e a libertação do desejo juntos encontram a liberdade espiritual central
 - ◆ O sentido, a idéia, a experiência de que eu sou um ser separadamente auto-existente no universo e a formação da consciência e força de ser no molde daquela experiência são a raiz de todo sofrimento, ignorância e mal
 - por que falsificam em prática e cognição a inteira real verdade das coisas
 - limitam o ser, a consciência, o poder e a bem-aventurança do ser
 - essa limitação produz um modo errado de existência, de consciência, de usar o poder do ser e consciência, e erradas e perversas e opostas formas de deleite da existência
 - ◆ A unidade com si próprio, com o universo, com os outros seres, com o Transcendental, é o segredo de uma correta e divina existência
 - mas o ego não pode Ter isto, por que está em sua natureza separativa
 - apenas no si espiritual podemos possuir a verdadeira unidade, pois o indivíduo amplia seu próprio ser e encontra a si próprio uno com a existência universal e com a Divindade Transcendente
 - ◆ O conhecimento limitado do ego toma a forma de um conhecimento falsificador:
 - conhecimento errado é acompanhado por vontade errada, tendência e impulsos errados de ser, e o senso agudo desse erro é a raiz da consciência humana do pecado
 - pecado original: separação do ser e vontade pessoais do divino ser e vontade
 - ◆ Voltar-se para a vontade sem desejo - desviar-se da vontade para o ser separativo imperfeito
 - libertação do desejo e libertação do ego manifestam a unidade que é a essência da mukti

Capítulo 9

A Libertação da Natureza

- ◆ Dois lados de nosso ser: Alma experienciadora consciente / Natureza executiva continuamente e variadamente oferecendo à alma suas experiências
- ◆ Queda para regiões inferiores de experiência: a aceitação da consciência-de-ego instrumental e da vontade-de-desejo: esquecimento da natureza divina do ser
 - libertação do espírito: rejeição a essas coisas – retorno ao si livre e à vontade de deleite divino no ser
- ◆ Contribuição da Natureza: os gunas e as dualidades
 - o constante efeito desses modos sobre a alma em seus poderes naturais de mente, vida e corpo é uma experiência dividida, uma luta de opostos, uma mistura de contrários
 - uma libertação do ego e vontade de desejo devem trazer uma superioridade aos modos qualitativos da natureza inferior
 - libertação integral: unidade divina do Espírito supremo e de sua suprema Natureza
- ◆ Natureza é o poder no ser e o desenvolvimento em ação das infinitas qualidades do espírito
 - esse jogo de qualidades é a coisa essencial, da qual o restante é o resultado e combinação mecânicos
 - uma vez que corrigirmos o poder e qualidade essenciais, todo o resto torna-se sujeito ao controle do purusha experienciador
- ◆ Três modos qualitativos da natureza que se conflitam e combinam em todas as suas criações:
 - tamas: princípio e poder de inércia
 - rajas: princípio e poder de cinese, paixão, empenho, combate, iniciativa
 - sattva: princípio e poder de assimilação, equilíbrio e harmonia
- ◆ Os três modos entram em todas as coisas, combinam-se para dar a elas seu modo de natureza ativa, são a força constituinte de nossa personalidade ativa, temperamento, tipo de natureza e modelo de resposta psicológica a experiências (predominância e interação proporcional)
 - a alma apenas pode ser livre elevando-se acima e rejeitando a aflitiva discórdia de suas ações desiguais e suas insuficientes concordâncias e combinações e precárias harmonias
 - ou por imobilidade completa ou por superioridade e um mais alto controle ou transformação de sua atuação
- ◆ Os gunas afetam todas as partes de nosso ser natural, mas tem sua mais forte influência relativa nos três diferentes membros:
 - tamas: mais forte na natureza material e em nosso ser físico
 - ação: inércia de força e inércia de conhecimento – ação mecânica
 - rajas: tem influência mais forte na natureza vital – que é possuída pela força de desejo – portanto, rajas volta-se sempre para ação e desejo – sua ação toma a natureza de esforço e luta e conflito
 - desejo é o mais forte iniciador humano e animal da maioria das ações – muitos o consideram o pai de toda ação, o originador do ser
 - sattwa: tem sua influência mais forte nas partes superiores da mente – inteligência e vontade da razão
 - as partes inferiores da mente são dominadas pela força rajásica
 - a inteligência, razão, vontade racional são movidas pela natureza de seu princípio predominante – sattwa – em direção a um constante esforço para o equilíbrio, estabilidade, regulação, harmonia, que trazem um sentido de bem-estar, felicidade, domínio, segurança
 - luz e felicidade são características do guna sátvico

- ◆ As três qualidades se misturam, combinam e concorrem em cada fibra e em cada membro de nossa intrincada psicologia – sua combinação e equilíbrio constróem o caráter mental, o de nossa razão, de nossa vontade, de nosso ser moral, estético, emocional, dinâmico e sensorial
 - *tamas*: ignorância, inércia, fraqueza, incapacidade, razão enevoada, não inteligência, apego a noções habituais e idéias mecânicas, recusa a pensar e conhecer, a mente estreita, as passagens fechadas, o hábito mental, as partes escuras e enevoadas, vontade impotente, falta de fé e auto-confiança e iniciativa, a não inclinação a agir, o recolher-se da empreitada e aspiração, o pobre e pequeno espírito, a covardia, baixeza, vagareza, submissão frouxa a pequenos e ignóbeis motivos, insensibilidade, indiferença, falta de simpatia, coração endurecido, estética grosseira, insensibilidade à beleza – tudo o que faz no homem o espírito grosseiro, pesado e vulgar, ignorante e inerte
 - *rajas*: quando não purificado por *sattwa*, traz egoísmo, auto-vontade, violência, a perversa ação da razão, apego a opinião, erro, a condescendência da inteligência a nossos desejos e preferências, a mente fanática ou sectária, orgulho, arrogância, ambição, luxúria, avareza, crueldade, ódio, ciúme, egoísmos do amor, vícios e paixões, os exageros da estética, as morbidezas e perversões do ser sensorial e vital. Produz o homem vívido, incansável, conduzido pelo fôlego da ação, paixão e desejo
 - *sattwa*: produz um tipo superior – mente e razão de equilíbrio, clareza de inteligência aberta de procura desinteressada da verdade, vontade subordinada à razão ou guiada pelo espírito ético, auto-controle, igualdade, calma, amor, simpatia, refinamento, medida, fineza de mente e estética e emocional, delicadeza, receptividade, moderação e equilíbrio, vitalidade governada pela inteligência
- ◆ Os tipos aperfeiçoados
 - homem sátvico: o filósofo, o santo, o sábio
 - homem rajásico: o estadista, o guerreiro, o vigoroso homem de ação
- ◆ Na maioria dos homens há uma boa porção de mudança e alternância daquele *guna* predominante para a prevalência de outro *guna*, e mesmo na forma governante, a maioria dos homens são de um tipo misto
 - toda cor e variedade da vida é feita dos intrincados padrões do entrelaçar dos *gunas*
- ◆ Mas mesmo uma harmonia sátvica de mente e natureza não constituem perfeição espiritual, apenas uma perfeição relativa incompleta. Um domínio do corpo pela vida ou da vida pela mente, não uma livre posse dos instrumentos pelo espírito libertado e auto-possuído
- ◆ Para chegar à perfeição espiritual os *gunas* têm que ser transcendidos:
 - *tamas*: superado pela força de *rajas* auxiliada pela força de *sattwa*
 - *rajas*: superado pela força de *sattwa* iluminando o ser, e *tamas* limitando a ação
 - *sattwa*: necessita de *rajas* para a ação, é portanto sujeita às imperfeições de *rajas* – existe ainda um egoísmo sátvico, rajásico e tamásico – egoísmo de conhecimento e virtude
- ◆ Para a transcendência dos *gunas*:
 - usualmente por um retirar-se da ação da natureza inferior, com um reforçar da tendência à inação
 - *tamas* iluminado por *sattwa* torna-se imobilidade, quietude, tranqüilidade em uma libertação quietística (imóvel), mas não é suficiente para uma perfeição integral (depende da imobilidade)
- ◆ Quando os *gunas* entram em perfeito equilíbrio, a ação da Natureza cessa e a alma repousa em sua quietude. No ser espiritual:
 - *tamas*: torna-se a calma divina – um poder de controlar e submeter à lei da calma mesmo a mais enorme e estupenda atividade
 - *rajas*: torna-se uma pura auto-efetuante iniciadora vontade do espírito – *shakti* – capaz de infinita e imperturbável ação
 - *sattwa*: torna-se a auto-existente luz do ser divino, e ilumina a divina quietude e a divina vontade de ação

- ◆ Quando esta libertação da natureza vem, existe também uma libertação de todo o sentido espiritual das dualidades da Natureza
 - as dualidades são o efeito inevitável do atuar dos gunas sobre a alma afetada pelas formações do ego sátvico, rajásico e tamásico
 - a dificuldade da dualidade é uma ignorância que é incapaz de apreender a verdade espiritual das coisas e concentra-se nas aparências imperfeitas, mas com um conflitante e alternado equilíbrio de atração e repulsa, simpatia e antipatia, prazer e dor, aceitação e repugnância
 - toda vida é representada para nós como uma mistura de agradável-desagradável, belo-feio, verdade-falsidade, fortuna-desgraça, sucesso-insucesso, bem-mal, alegria-tristeza
 - apego a essas simpatias e repugnâncias mantém a alma atada a essa rede de dualidades. O buscador de libertação livra-se do apego e lança longe de sua alma as dualidades
 - usualmente por um retirar-se da vida
 - ou por um retirar-se interior: a testemunha impassível ao prazer e dor da mente e corpo

- ◆ A libertação integral vem quando a própria paixão por libertação baseada em desapego é transcendida
 - a alma é libertada do apego à ação inferior da natureza
 - e de toda repugnância à ação cósmica do Divino

- ◆ A libertação só é completa na gnose (supramente)